



DIVERSIDADE E
INCLUSÃO

USOS ESPECIAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA





VOCÊ DOMINA O SEU IDIOMA? VOCÊ
APRESENTA DIFICULDADES NO SEU
TRABALHO EM RELAÇÃO À LÍNGUA?

USOS ESPECIAIAS

- *Introdução*
- *Mal/Mau*
- *Uso dos Porques*
- *Mas/Mais*
- *Para Mim / Para Eu*
- *Pronomes Retos e Oblíquos*
- *Vícios de Linguagem*
- *Verbos abundantes e seus usos.*

LÍNGUA PORTUGUESA

A nossa língua portuguesa é um sistema de diferentes formas e significados e de seus entrelaçamentos. Por esse motivo é sistematizada em três modos de análise de elementos que a compõe:

- Morfologia: é parte da língua que estuda os morfemas, ou seja, tudo que nos diz sobre gênero e número dos substantivos; tempo, modo, número e pessoa de um verbo e classe gramatical.
- Sintaxe: é a parte da língua que estuda o modo como o falante transmite a informação, a maneira com que organiza e relaciona as palavras em uma oração.
- Semântica: é a parte da língua que estuda o significado das palavras, os sentidos que elas podem tomar de acordo com o contexto



Língua Portuguesa

Mas, o que vem a ser língua? A língua, primeiramente, nos remete a um órgão do corpo que é usado na comunicação, e é a partir daí que começamos a entender que o idioma escrito hoje foi, um dia, apenas falado.

A partir desse princípio de fala, nós definimos língua como o conjunto de letras que formam palavras com sentidos diversos. E a relação dessas palavras e suas significações nós chamamos de sistema. Logo, a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de elementos que relacionam entre si e formam um significado.



Nossa língua recebe adjetivação de “portuguesa” porque veio de Portugal, colonizador do Brasil. Porém, o português de Portugal não permaneceu em sua colônia de maneira pura e simples, mas recebeu uma conotação abasileirada e, por isso, falamos do português do Brasil. No entanto, não só o Brasil foi colonizado pelos portugueses e fala o português, mas também outros países: Ilha da Madeira, Arquipélago dos Açores, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

Como vimos, a língua, acima de tudo, é um código social, um acordo de letras, que em combinações entre si adquirem significado para um determinado grupo social. Contudo, há uma convenção linguística, a qual permanece em uma sociedade para que a comunicação possa existir entre os falantes. Porém, não quer dizer que todo indivíduo vai escrever e falar da mesma maneira, já que cada um tem a sua particularidade e um objetivo ao se comunicar.

Há distinção ainda entre norma culta e coloquial: a primeira é estabelecida pela obediência a normas e regras da comunicação, enquanto a segunda nos remete àquela mais próxima da fala. Por isso, há o estudo da gramática da língua portuguesa, que é a averiguação da correspondência entre o que se fala ou escreve e as normas ou leis vigentes para o uso da comunicação de forma culta, polida.



MAU/MAL

A diferença entre as palavras mal e mau é a classe gramatical. MAL (contrário de bem) é advérbio e MAU (contrário de bom) é adjetivo.

Exemplos:

- ✓ Estão falando MAL de você lá fora. (falando bem = advérbio)
- ✓ Esta noite dormi MAL. (dormi bem = advérbio)
- ✓ Aquele homem MAU está lá fora. (homem bom = adjetivo)
- ✓ O tempo está MAU. (tempo bom = adjetivo)

As palavras mal e mau geram muitas dúvidas, porque elas são pronunciadas da mesma forma, apesar de serem escritas de maneiras diferentes.

Pelo fato de terem a mesma pronúncia, mas escritas diferentes, mal e mau são palavras homófonas.

MAS / MAIS

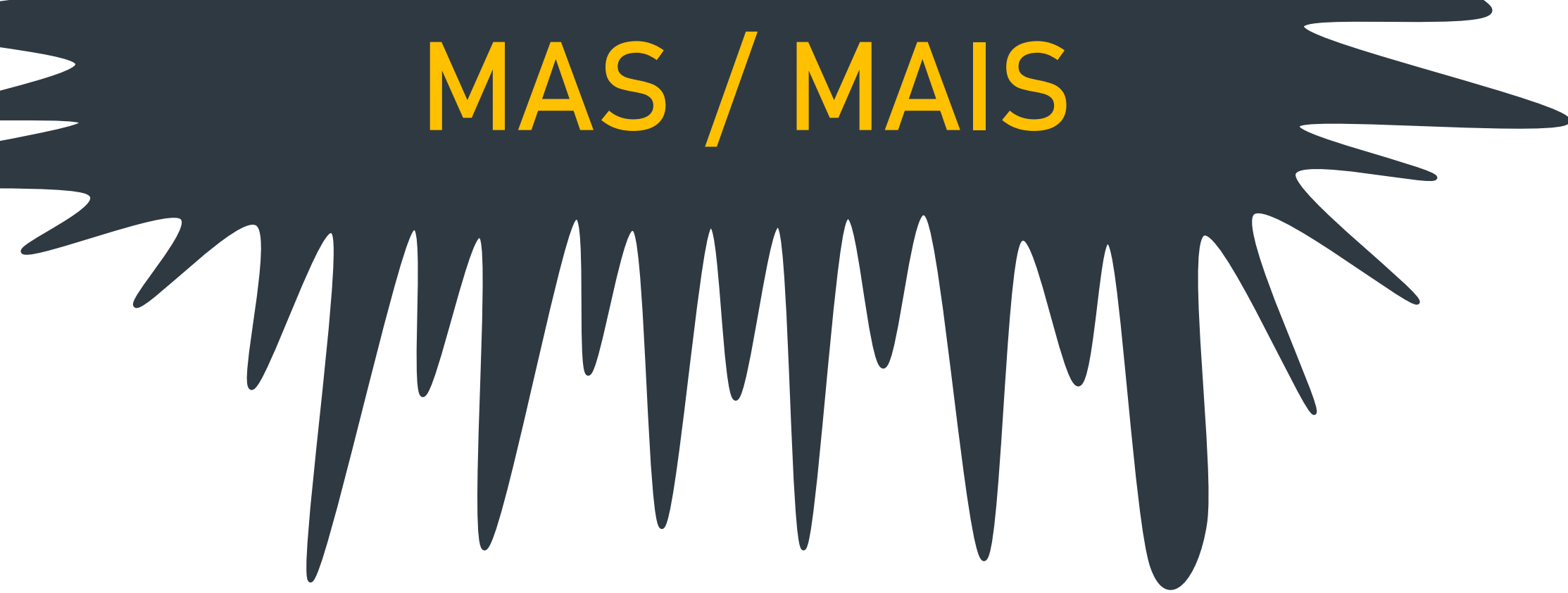
O “mais” e o “mas” são duas palavras que tem um som parecido, no entanto, são utilizadas em contextos distintos. Confira abaixo a diferença entre elas e suas regras de uso.

A palavra “mais” possui como antônimo o “menos”. Nesse caso, ela indica a soma ou o aumento da quantidade de algo.

Embora seja mais utilizada como advérbio de intensidade, dependendo da função que exerce na frase, o “mais” pode ser substantivo, preposição, pronome indefinido ou conjunção.

Quero ir mais vezes para a Europa.
Hoje vivemos num mundo melhor e mais justo.

MAS / MAIS



A palavra “mas” pode desempenhar o papel de substantivo, conjunção ou advérbio.

1. Como substantivo, o “mas” está associado a algum defeito.

Exemplo: Nem mas, nem meio *mas*, faça já seus deveres de casa.

2. Como conjunção adversativa, o “mas” é utilizado quando o locutor quer expor uma ideia contrária a que foi dita anteriormente.

Exemplo: Sou muito calmo, *mas* estou muito nervoso agora.

Nesse caso, ela possui o mesmo sentido de: porém, todavia, contudo, entretanto, contanto que, etc.

3. Como advérbio, o “mas” é empregado para enfatizar alguma informação.

Exemplo: Ela é muito dedicada, *mas* tão dedicada, que trabalhou anos vendendo doces.

PARA MIM / PARA EU



Eu e mim são pronomes pessoais que possuem a função de substituir o substantivo na frase e indicar qual(is) a pessoa do discurso.

- ✓ O “eu” é um pronome pessoal do caso reto que exerce a função de sujeito ou de predicativo do sujeito.
- ✓ O “mim”, um pronome pessoal do caso oblíquo que exerce a função de complemento verbal ou complemento nominal.

PARA MIM / PARA EU

Tanto “para mim” quanto “para eu” são duas formas utilizadas na língua portuguesa, porém em situações diferentes.

- ✓ Para mim: quando exerce a função de objeto indireto na oração, sendo sempre precedido de uma preposição que, nesse caso, é o “para”: comprou para mim; escreveu para mim; etc.
- ✓ Para eu: exerce a função de sujeito da oração, sendo sempre acompanhado de um verbo no infinitivo: para eu comprar; para eu escrever; etc.

Nossa relação está muito pesada *para mim*.
Tudo no trabalho sobra para *eu fazer*.

Importante!

Vale lembrar que o “mim” não conjuga verbo, somente o “eu”. Portanto, nunca devemos usar: “para mim fazer”; “mim começa”; “mim gosta”, etc. O correto é: “para eu fazer”; “eu começo”; “eu gosto”.

PRONOMES RETOS / OBLÍQUOS

Os pronomes pessoais do caso reto são aqueles que têm a função de sujeito ou de predicativo do sujeito: eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas.

Eu entreguei a requisição hoje. (sujeito)
A felizarda é ela. (predicativo)

Os pronomes pessoais do caso oblíquo são: me, mim, te, ti, o, a, se, lhe.

Eles são usados como objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva e adjunto adverbial.

Foi ela que me disse.
Fique longe de mim.



PRONOMES RETOS / OBLÍQUOS

ATENÇÃO!!

A) Pronomes retos – função de sujeito:

Ela faltou à aula. (Sujeito)

B) Pronomes Oblíquos – função de complementos:

Onde estão as minhas joias?

Guardei-**as** no cofre! (OD)

Onde estão as minhas joias?

Vi **elas** no cofre! (caso reto)



Onde estão as minhas joias?

Vi-**as** no cofre!



USO DOS PORQUÊS

Na língua portuguesa, existem 4 tipos de porquês (por que, porque, por quê e porquê) que são empregados da seguinte forma:

Por que: utilizado em perguntas.

Exemplo: Por que não voltamos para a casa?

Porque: utilizado em respostas.

Exemplo: Porque agora não temos tempo.

Por quê: utilizado no fim das frases.

Exemplo: Você não gosta dessa matéria, por quê?

Porquê: possui o valor de substantivo e indica o motivo, a razão.

Exemplo: Gostaria de saber o porquê dele não falar mais comigo.



VÍCIOS DE LINGUAGEM

Vícios de linguagem são desvios gramaticais que ocorrem por descuido ou desconhecimento das normas nos diferentes níveis linguísticos: fonético, semântico, sintático ou morfológico.

Os vícios de linguagem são:

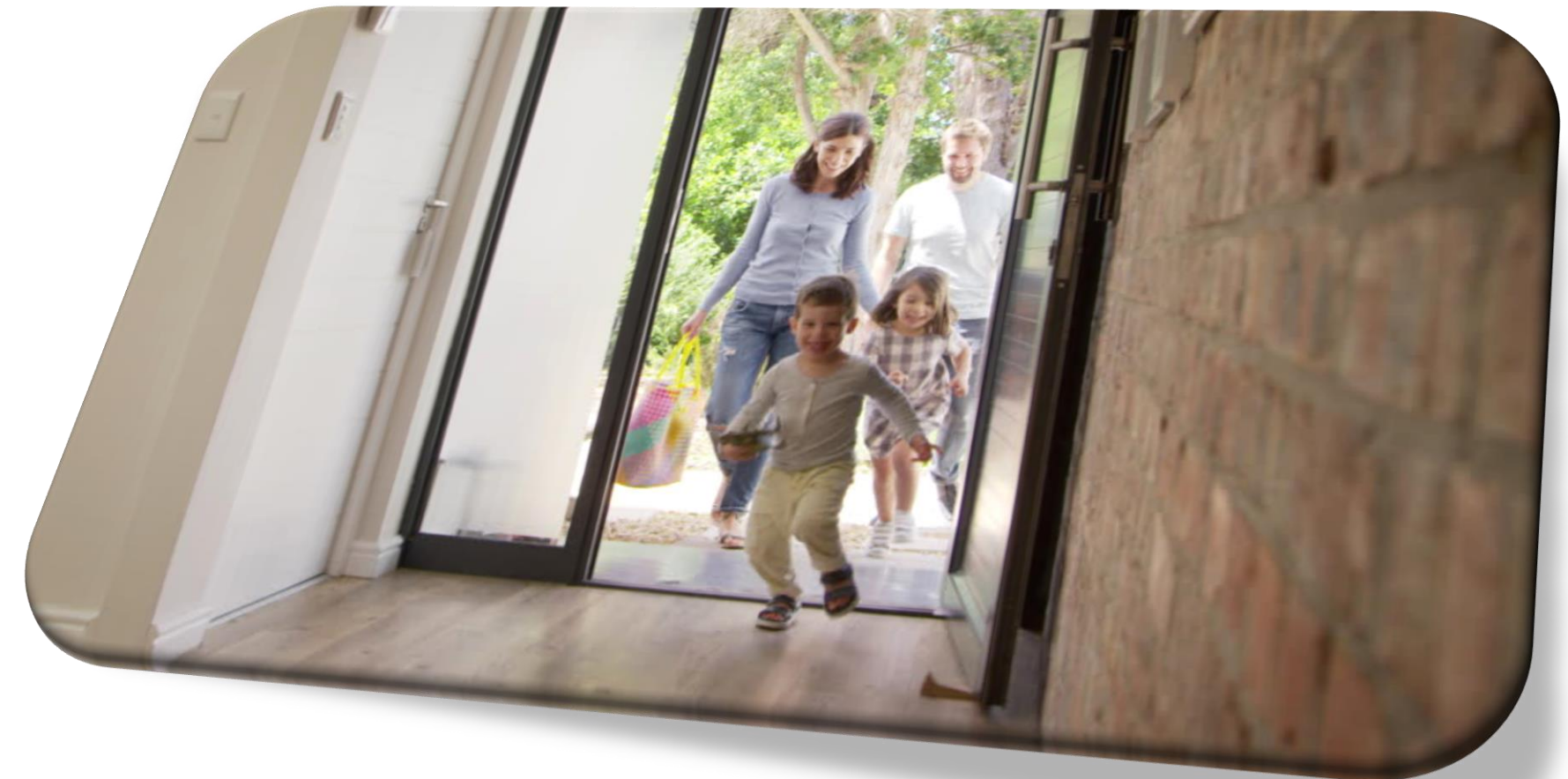
- ✓ pleonasma vicioso
- ✓ solecismo
- ✓ barbarismo
- ✓ ambiguidade
- ✓ eco
- ✓ cacófato
- ✓ hiato
- ✓ colisão
- ✓ plebeísmo
- ✓ gerundismo



PLEONASMO VICIOSO

Pleonasmo vicioso, também chamado de redundância, é a repetição de uma informação desnecessária na frase.

EXEMPLO: Vamos entrar para dentro de casa. (entrar já supõe que seja para dentro)



GERUNDISMO

O gerundismo é o uso exagerado do gerúndio. Isso acontece quando essa forma nominal é utilizada no lugar de uma conjugação mais adequada em termos gramaticais.

EXEMPLO: Vou estar te telefonando logo no início das promoções.

Gerundismo é um vício de linguagem e, por isso, deve ser evitado.

- Vou estar te atendendo logo que seja possível.
- Vou estar enviando os seus documentos para o departamento depois de tirar todas as cópias.
- Vou estar dando o seu recado assim que o funcionário chegar.



Particípio é a forma nominal do verbo que expressa o resultado da ação (cantado, vendido, partido).

O particípio é usado para formar a voz passiva, nos tempos compostos, como adjetivos, para construir orações reduzidas.

Muitos verbos apresentam duas formas de particípio (ou duplo particípio), o particípio regular e o particípio irregular. Assim, são chamados de verbos abundantes, pelo fato de apresentar mais do que uma forma aceitável de utilização.

aceitar: aceitado e aceito

acender: acendido e aceso

submergir: submergido e submerso

PARTICÍPIO



O particípio regular é, geralmente, utilizado na voz ativa, aquelas em que o sujeito pratica a ação.

O particípio irregular é, geralmente, utilizado na voz passiva, aquelas em que o sujeito sofre a ação.

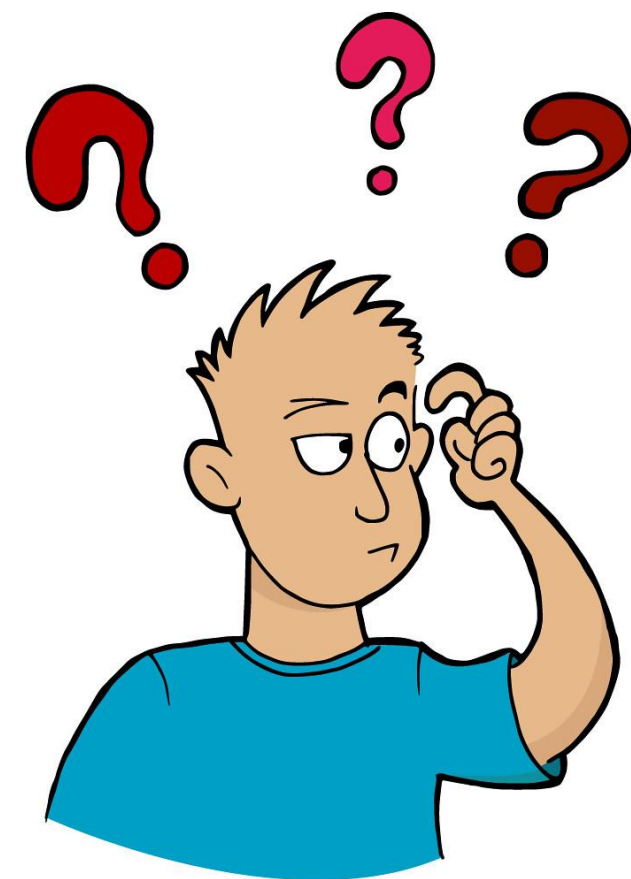
Verbos (expressos na sua forma original)	Participio regular	Participio irregular
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
imprimir	imprimido	impresso
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
omitir	omitido	omisso
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
soltar	soltado	solto
suspender	suspendido	suspenso
vagar	vagado	vago

CHEGO/CHEGADO

“Chego” ou “chegado”? A resposta é “chegado”. Afinal, não existe particípio irregular para o verbo “chegar”. Portanto, usar o vocábulo “chego” em locuções verbais formadas pelos verbos “ter” ou “haver”, como em “tinha chego”, só se justifica em linguagem coloquial. Isso porque, de acordo com a norma culta, o termo “chego” só pode ser usado para indicar a conjugação do verbo “chegar” na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, isto é, “eu chego”

Mariano tinha chegado ao trabalho mais cedo para organizar os contratos.

Havia chegado o momento de decidir quem teria o destino do país nas mãos.



Trago ou trazido? “Trago” e “trazido” são palavras gramaticalmente corretas que existem na língua portuguesa, mas as duas não possuem um mesmo uso e são uma dúvida recorrente em relação ao verbo “trazer”.

A palavra “trago” é a primeira pessoa do singular, no presente do indicativo, dos verbos “trazer” e “tragar”. Já a palavra “trazido” é o particípio regular do verbo “trazer”. Considerando isso, a expressão “tinha trago” não existe, de modo que a expressão correta nesse caso seria “tinha trazido”.

Tinha trazido pouco dinheiro.

Trago excelentes notícias!

Fumo cigarro, mas não trago, como se isso adiantasse alguma coisa.

TRAGO/TRAZIDO



Pego e pegado são duas formas equivalentes do particípio do verbo pegar. Pegado é o particípio regular e pego é o particípio irregular. Pegar é um verbo abundante, possuindo particípio duplo.

PEGADO/PEGO

1. A forma regular pegado é utilizada preferencialmente na voz ativa com os verbos auxiliares ter ou haver: ter pegado e haver pegado.
Você foi aos correios, mas seu irmão já havia pegado a encomenda.

2. A forma irregular pego é utilizada preferencialmente na voz passiva com os verbos auxiliares ser ou estar: ser pego ou estar pego.

O melhor aluno da turma foi pego colando.

Apesar da forma regular pegado ser considerada a mais correta segundo a norma culta, está sendo cada vez menos usada, privilegiando-se o uso da forma irregular pego, mesmo com os verbos auxiliares ter e haver.

REFERÊNCIAS

<https://www.dicio.com.br/pego-ou-pegado/>

<https://www.todamateria.com.br/>

<https://brasilecola.uol.com.br/>

<https://www.portugues.com.br/>

www.nurap.org.br



*DIVERSIDADE E
INCLUSÃO*

